

José Manuel Fraile Gil, *Romances de Salio (Riaño – León). Una tradición ahogada*, [Torrelavea], Cantabria Tradicional, 2001, 118 pp. + 1 CD

Maria Aliete Galhoz*

Não é uma obra documentando só o subgénero do romance, como o título levaria a supor. O autor levanta a memória, vivencial e cultural, de uma pequena povoação leonesa, Salio, desaparecida, com outras, na execução de um planeamento de retenção de recursos hídricos, para efeitos de irrigação mais vasta — com a consequência de dispersão e realojamento, em outros lugares, dos habitantes dali retirados. Fraile Gil visitou, pela primeira vez, a comunidade rural de Salio em 1985,¹ um ano antes da efectivação deste plano, e a respeito dessa efectivação escreve em 2001:

El pantano que anega hoy aquellas tierras había acarreado la destrucción no solo del famoso Riaño, cabecera de una comarca natural titulada *Riaño – La Reina*, sino también de otros pequeños núcleos de población que se llamaron: Huelde, Anciles, Pedrosa del Rey, La Puerta, Ascara, Vega Cerneja, Burón y este Salio al que vamos a dedicar las páginas que siguen.²

O livro carrega a informação e o extraordinário património de saberes de uma família local, Prieto Ibáñez, de que o Autor, através dos testemunhos de duas irmãs, Leónides e Digna, traça a saga das vidas de três gerações, desde 1915 (Salio), até 1985 (Salio), e 1989 (Leónides, então com 69 anos, em Barniedo de la Reina, Leão, e Digna, então com 66 anos, em Baracaldo, Biscaia). Não é sem importância esta vigorosa transmissão, de geração a geração, numa família que assume forte consciência dos seus laços e coesão, nos resultados obtidos por Fraile Gil na sua prospecção e que ressaltam salientados em dois níveis: por um lado, o notável número e qualidade dos textos literários de transmissão tradicional oral proporcionados por estas duas participantes e, por outro, a inteligência com que possibilitaram o conhecimento, integrador e contextuante, do seu uso ou a propósito lembrança. Assim, aproveitando o rico manancial de dados coligidos, e honrando a justa vontade dos dadores, e de si próprio, de preservação social dessa memória, Fraile Gil elucidanos sobre o encaminhamento que deu a esta sua obra: “He procurado arropar los textos de este librito con cuanta información se me vino a la mano. *Levantar en el aire un lugar desaparecido* no es tarea para unas pocas páginas ni para una débil pluma como es la mía”.³

Os materiais da recolha aqui publicada, embora privilegiando a presença dos romances, abrange, afinal, seis subgéneros compositivos: II. “El romancero tradicional” (pp. 19-66); III. “El cancionero tradicional” (pp. 67-80); IV. “La tradición infantil” (pp. 81-90); V. “Las oraciones de cada día” (pp. 91-98); VI. “Cuentos tradicionales” (pp. 99-103); VII. “El universo de las leyendas” (pp. 104-112).

O *corpus* dado no romanceiro consigna quarenta e seis espécimes, distribuídos por oito *items*, numa classificação facilmente confrontável com as classificações de edições referenciais de grandes *corpora* romancísticos de Espanha, como, por exemplo, é o caso do *Romancero general de León*.⁴ As versões são excelentes e estão registados temas já raros, e cito: *La infancia de Gaiferos* (á) [*Gaiferos y Galván* (á), 0087], *Valdovinos sorprendido en la caza* (á) [*Valdovinos sorprendido en la caza* (á), 0796], *El seductor de su hermana* (áa) [*Tamar* (á-a), 0140], *Amor más poderoso que la muerte* (á) [*El conde Niño* (á), 0049],⁵ *La penitencia del rey Rodrigo* (ía) [*Penitencia del rey don Rodrigo* (í-a), 0020].⁶ Algumas versões destes romances recolhidos em Salio foram já editados, por Fraile Gil, incorporados na *Primera antología sonora del romancero panhispánico*, em 1992.⁷

O capítulo III, “El cancionero tradicional”, consta de dois *items*: A. “La ocasionalidad del cancionero” e B. “Canciones narrativas”. Salientamos o grupo A, que apresenta três canções rituais

* Centro de Tradições Populares Portuguesas “Prof. Manuel Viegas Guerreiro”. Faculdade de Letras. Alameda da Universidade. 1699 Lisboa codex. Portugal.

¹ No Verão de 1985, durante o curso sobre o Romanceiro Tradicional organizado pelo Instituto Seminário Menéndez Pidal, naquele ano realizado em Leão. O curso compreendia recolhas, aos sábados e domingos, sendo os dias úteis ocupados com aulas teóricas (ver I. “Introducción”, p. 8).

² I. “Introducción”, p. 7.

³ I. “Introducción”, p. 17. Itálico nosso.

⁴ Diego Catalán e Mariano de La Campa, *Romancero general de León. Antología 1899-1989*, Madrid, Seminario Menéndez Pidal, Universidad Complutense de Madrid / Diputación Provincial de León, 1991, 2 tomos.

⁵ A rareza desta versão está no facto de que expressa o canto do Conde.

⁶ Presente numa contaminação.

⁷ José Manuel Fraile Gil, *Priera antología sonora del romancero panhispánico*, Madrid / Salamanca, TECNOSAGA, S.A. / Centro de Cultura Tradicional de la Diputación de Salamanca, 1992 (KPD-5109904).

(*El ramo de Nochebuena, El aguinaldo de Reyes e Canciones de boda*) e uma curiosíssima “letra”, *La zorriña. Tonada de rabel*, com uma estrutura sincopada e viva, rima interna, ritmo de encavalgamento dos versos, o que resulta numa lengalenga atraindo-se pelo jogo dos sons e, cremos, permitindo improvisação de segmentos; veja-se:

Zorriña, vente conmigo a la viña
si quieres comer las uvas verdes,
castañas. Respondió la zorriña:
— No, que me engañas.

[...]

Tabaco no lo gasta mi majo
de hoja. Para meterme monja
del Carmen, métete, primo, fraile
Francisco. Por las llags de Cristo,
barbero, sángrame que me muero
del lado, yo no sé si es costado.

[...] ⁸

O impacto recebido, mesmo só através da leitura, que impõe o seu próprio cânone de marcação prosódica, é, apelativamente, de alegria. Nos *Cuentos tradicionales de León*, encontra-se uma “[Retahila de la zorra]” aproximável, pelo tipo construtivo, mas mais diluído:

En la plazuela
de San Francisco
habitaba una zorra
tirando blincos.
Diciendo:
— ¡ me vengo muriendo!,
del lado,
del dolor que me ha dado.

[...] ⁹

“La tradición infantil”, cap. IV, reúne uma amostragem de um repertório de larga circulação, hispânica ou europeia, nas rimas e fórmulas fundamentais, sobretudo as dirigidas à pequena infância, servindo de auxiliares para primeiras descobertas e aprendizagem, como acontece com a rima para conhecer os dedos, *Los dedos hambrientos*; cito:

Éste fue al monte (pulgár),
éste le ayudó (índice),
éste encontró un huevo (corazón),
éste le comió (anular),
y este, por ser el más chiquitín,
nada le tocó (meñique). ¹⁰

Aprendi ao colo de meu pai o jogo dos dedos e, depois, as próprias rimas, assim:

Este foi ao mato (polegar),
este achou um ovo (indicador),
este assou-o (médio),
este provou-o (anular),
e este papou-o todo! (mindinho).

O capítulo dedicado às orações confirma a persistência dos romances religiosos por serem usados com função de oração, sobretudo os do ciclo da Paixão, recitados ou cantados na Quaresma, tempo penitencial em que a prática da oração se tornava mais calendarizada e assídua. ¹¹ Neste

⁸ Pp. 73-74.

⁹ Julio Camarena Laucirica, *Cuentos tradicionales de León*, II, Madrid, Seminario Menéndez Pidal, Universidad Complutense de Madrid / Diputación Provincial de León, 1991, p. 199.

¹⁰ Pp. 84-85.

¹¹ Hábito de rezar o terço, nas aldeias, ou em família ou reunindo-se, em casa de um deles, os vizinhos. Esta prática intensificou-se durante os anos da Segunda Grande Guerra. Em casa de meu avô materno (em Vale Judeu, Algarve), só a família; era meu avô que “guiava” e recitava-se sempre a *Ladainha*. Mas era costume, na zona interior do Algarve, quando o terço era rezado em reunião de vizinhos, entremear um romance ou cântico entre a recitação dos mistérios, e o “oferecimento” também era com a

breve conjunto, uma oração “ao deitar” é *La misa de Jesucristo* (á) [*Jesucristo dice misa*, escrita ao divino de *Roldán no admite parigual*, 0736.1], tal como entre nós, em Portugal, acrescentado de um longo fecho de oração.¹²

No capítulo VI estão registados três pequenos contos: “El pastor y los ladrones” (AT 1831), “San Pedro y el herrero” (AT 774) e “La zorra y el lobo” (AT 4). O primeiro conto é uma variante local do tema universal da “mensagem críptica enviada através de instrumento de música”, transmitindo um aviso ou um pedido de socorro. O inimigo referente “mouro”, na Península, na Idade Média e, nas zonas costeiras, nos séculos posteriores, pelas razias da pirataria, é substituído pelo referente “ladrões”. Citamos integralmente:

Eso es que fueron unos a robar a la majada donde estaban, y le dijeron los ladrones al pastor que tenía que matarles un cabrito; y el pastor dijo que no faltaba más, que uno o dos, que los que hicieran falta. Se le mató y se le puso a asar y les dijo que si no querían que les tocara alguna canción de las de los pastores.

Cogió el rabel, y él ya tendría bien amañado al motril, al que estaba con él, porque no lo cantaba delante de ellos, pero ya lo habría cantao muchas veces pa que el chico lo conociera. Y empezó a tocar:

Corre, ves, anda corre, ve y dí
que cuatro ladrones tenemos aquí,
y el cabritín de la cabra morena
asándose está y asándose queda.

Y el otro, donde estuviera, fue a llamar a los guardias y los cogieron.¹³

Finalmente, no último grupo, VII capítulo, “El universo de las leyendas”, são dados sete relatos, sobre mouros, tesouros encantados, uma lenda piedosa, “La leyenda de San Amaro” (correlato, o nosso registo medieval divulgado em livros escolares com o título de “O Monge e o Passarinho”),¹⁴ e mais duas, de temas nos nossos dias relançados em circulação no folclore urbano: o aparecimento de pessoas que já morreram (sobretudo “testemunhado” por automobilistas)¹⁵ e o animal, ave ou basilisco, cujo olhar, se fita alguém, mata essa pessoa imediatamente.¹⁶ Aqui, relatos ainda rurais, com o título “La joven aparecida”, o primeiro caso, e o título “Basiliscos y reptiles”, o segundo caso.

No CD que acompanha o livro estão registadas as execuções de quinze textos, nove romances (nenhum dos que já constam na *Primera antología sonora del romancero panhispánico*, de 1992) e mais seis espécimes vários; todos presentes no livro, excepto o penúltimo, *Tonada de rabel*, que é documento só musical.

José Manuel Fraile Gil não pretendeu apresentar uma obra especificamente especializada, mas sinaliza os subgéneros que congregou com algumas remissões comparativas e dá, em pé de página, também algumas referências bibliográficas. E o pequeno livro dos *Romances de Salio. Una tradición ahogada* cumpre o seu objectivo: a memória levantada, não “en el aire”, mas como o património da cultura espiritual, salvaguardado, da pequena Salio geograficamente desaparecida como *habitat* humano.

recitação de um romance. Pela mesma razão que dá Digna Prieto Ibáñez para o uso do romance/oração *En el monte murió Cristo* (éo) “Esta era una oración para decir después del rosario y ofrecerle, en vez de la Letanía que era muy larga y no todo el mundo la sabia” (p. 96).

¹² No nosso trabalho *Romanceiro Popular Português, II: Romances Religiosos e Orações Narrativas. Romances Vulgares e Canções Narrativas* (organização, notas e bibliografia de Maria Aliete Dores Galhoz, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1988), estão incluídas cinco versões de *Jesus Cristo Diz Misa* (ão/a), em que quatro foram dadas como “oração da noite” e que terminam com fórmulas de “fecho de oração” (ver pp. 689-692).

¹³ P. 101.

¹⁴ “O Monge e o Passarinho” é título que se me gravou e não consta das fontes de leitura que agora reconsultei, em prosa: Teófilo Braga transcreve (nos *Contos Tradicionais do Povo Português*, 2ª ed., II, 1915, pp. 120-121) do P^e Matheus Ribeiro (*Alívio de Tristes e Consolação de Queixosos*, ed. de 1672, Parte I), com o título de “Os Dias por Milénios”; J. Leite de Vasconcelos (nos *Contos Populares e Lendas*, II, 1969, pp. 609-610) do P^e Manuel Bernardes (*Sermões e Práticas*, ed. de 1711) com o título de “O Frade de Trezentos Anos”. José Joaquim Nunes (na *Crestomatia Arcaica*) dá a cantiga 103 das *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X, com o título “[O Monge e o Passarinho]”. José Filgueras Valverde dilucidou estas relações, derivações do mesmo tema, em “La cantiga 103 — Noción del tiempo y gozo eterno en la narrativa medieval”, separata do *Boletín de la Universidad de Compostela*, 1936.

¹⁵ Ver José Manuel Pedrosa (edición y estudio) e Sebastián Moratalla (edición y coordinación), *La ciudad oral. Literatura tradicional del sur de Madrid. Teoría, métodos, textos*, Madrid, Comunidad de Madrid, Consejería de Educación, Dirección General de Ordenación Académica, 2002: “El conductor de la mujer fantasma” (pp. 93-97; dez relatos) e “La autoestopista fantasma” (pp. 143-146; doze relatos).

¹⁶ “Si, hay un pájaro negro encima del tejado del Instituto Tierno Galván [Leganés] y le miras fijamente a los ojos, a las pocas horas mueres” (*Op. cit.*, p. 90).

